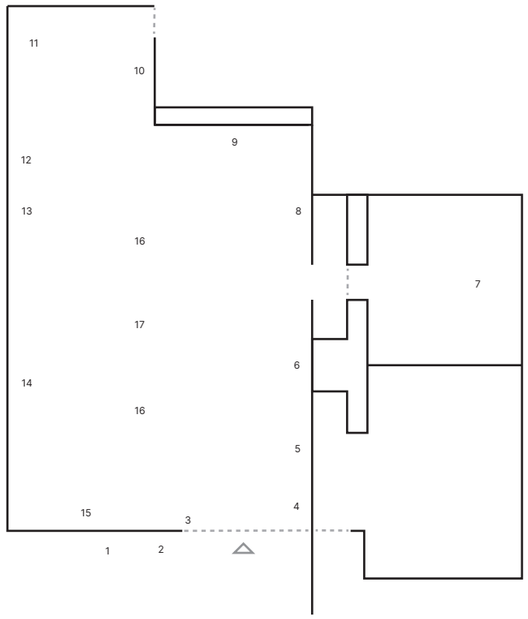

KUBIK
GALLERY

Lisboa
Calçada Dom Gastão, n. 4 - Porta 45
1900-194

Porto
Rua da Restauração, 6
4050-499

T +351 226 004 927
info@kubikgallery.com

kubikgallery.com
facebook.com/kubikgallery
instagram.com/kubik_gallery

23 de Janeiro de 2025

1.
Pedro Tudela
Ygrid, 2024
Grafite, aguarela, acrílico e tinta da china sobre papel
Graphite, watercolor, acrylic and ink on paper
120, 4 x 85,7 cm

2.
Sérgio Fernandes
GEORGIA O'KEEFFE WINDOW, 2021
Óleo sobre linho | Oil on linen
24 x 18 cm

3.
Pedro Tudela
L (da série nat-sound), 2024
Fundição em bronze | Bronze casting
44 x 12 cm

4.
Pedro Tudela
YEPSEN 01, 2024
Fotografia dbond | Photography dbond
28,5 x 40 cm

5.
Pedro Tudela
Ytorch (da série nat-sound), 2024
Fundição em latão, couro e ilhós metálicos
Brass casting, leather and metallic eyelets
55 x 11 cm

6.
Sérgio Fernandes
HEARTBEAT, 2024
Óleo sobre tela | Oil on canvas
220 x 190 cm

7.
Pedro Tudela
TIALTNGO, 2024
Video HD (p/b som, 07´"47), Dimensões variáveis
HD video (b/w sound, 07'47"), Variable dimensions

8.
Pedro Tudela
Água (da série nat-sound), 2024
Madeira pintada, metal, ilhós metálicos, varão roscado e ferrangens
Painted wood, metal, metallic eyelets, threaded rod and hardware
95 x 11 cm

9.
Sérgio Fernandes
O SOL HERDADO PELA MINHA GERAÇÃO, 2024
Óleo sobre tela | Oil on canvas
200 x 270 cm

10.
Pedro Tudela
TEMPO (da série nat-sound), 2024
Madeira pintada, metal e placa em latão
Painted wood, metal and brass plaque
114 x 4 cm

11.
Pedro Tudela
TEMPO, 2024
Bandeiras usadas de praia, cabo de aço, esticadores
Used beach flags, steel cable, turnbuckles
420 x dimensões variáveis | variable dimensions

12.
Sérgio Fernandes
ADAGIO, 2021
Óleo sobre linho | Oil on linen
20 x 14,5 cm

13.
Pedro Tudela
~~~~~, 2024
Fundição em latão, camarões em latão
Brass casting, brass hooks
29,5 x 16 cm

14.
Sérgio Fernandes
I'LL N'Y A PAS DE MOUVEMENT, 2024
Óleo sobre tela | Oil on canvas
200 x 170 cm

15.
Pedro Tudela
Int01, Int02, Int03, Int04, Int05, Int06, 2204
Acrílico, aguarela, grafite, lápis de cor sobre papel | Acrylic, watercolor, graphite, color pencil on paper
106,4 x 51,4 cm (cada/each)

16.
Pedro Tudela
% (static), 2024
Discos em ferro pintado de preto, alto-falantes, varão roscado, ferragens, cabos de áudio, leitor/amplificador de som, som (00'00")
Black painted iron discs, speakers, threaded rod, hardware, áudio cables, sound player/amplifier, sound (00'00")
Dimensões variáveis | Variable dimensions

17.
Pedro Tudela
TAM-po-clock, 2024
Truss, tripés, tubos de vidro soprado, cabos de aço, mdf, alto-falantes, projectores de luz, filtro vermelho, cabos de áudio, leitor /amplificador de som, som (30'00')
Truss, tripods, blown glass tubes, steel cables, mdf, speakers, light projectors, red filter, áudio cables, sound player/amplifier, sound (30'00")
Dimensões variáveis | Variable dimensions

YEPSEN(s)

Pedro Tudela & Sérgio Fernandes

KUBIK GALLERY

AS MATÉRIAS TEMPORAIS
João Sousa Cardoso

Num tempo marcado pela polarização ideológica, pela agudização das guerras culturais e pelo caudal ininterrupto de imagens fortes que animam a atualidade da economia digital (e a competição mediática no mundo da arte), entrevemos nesta exposição o horizonte de uma gravidade ancorada nas formas concisas de uma fatura de rigor oficinal face aos labirintos da criação, na lentidão do engendramento impercetível das subjetividades e de uma certa benevolência, contra o pano de fundo de um silêncio que transporta a violência dos séculos e a dor calada. Uma espécie de indiferença paisagística – indistintamente arcaica e urbana – que podemos qualificar de existencial, ascética ou portadora de um anseio espiritual, mas invariavelmente participativa num esclarecido diálogo com a cultura técnica e a história das disciplinas.

Os dois artistas estabelecem nesta mostra um diálogo fraterno que congrega a pintura, o desenho sobre papel, a fotografia, o vídeo e objetos escultóricos, convocando ainda matérias como o metal fundido, o vidro soprado e o som. A aproximação das duas obras permite a iluminação mútua dos respetivos reportórios sob perspetivas renovadas e surpreendentes. Os motivos orgânicos ou vegetalistas nas telas de grande formato de Sérgio Fernandes, por exemplo, recordam alguma da pintura inicial de Pedro Tudela, em meados da década de 80, marcada pelo vocabulário sobrecarregado de um sensualismo (não sem ironia) barroco; enquanto a investigação sonora neste autor (mesmo se vertida em forma escultórica como os cinco galhos vazados em latão que evocam o pentagrama da notação musical) elucida sobre a dimensão tímbrica dos jogos de perceção cromática (as atmosferas, as texturas, as notas de cor, a "luz interior" que o brilho das velaturas em óleo por vezes oferece) em toda a amplitude do leque de reverberações sensíveis na pintura de Sérgio Fernandes.

Em ambos os artistas reconhecemos a circunspeção do equilíbrio calculado entre a estrutura e o controlo da forma (a presença da geometria, a simetria, a cruz, a serialidade, a grelha) por um lado; coincidindo, por outro lado, com o gesto livre da hospitalidade relativamente ao comportamento imprevisto dos elementos, aos acontecimentos físicos e à corrupção dos materiais pela passagem do tempo. Essas qualidades resultam evidentes em 'Tempo (2024)', um conjunto de bandeiras de segurança balnear consumidas pelo sol e pelo vento alinhadas por Pedro Tudela num friso ou na energia estática dos vinis que o artista dá a escutar (incluindo o pó, os riscos, as contingências do suporte), visibilizando a sonoridade do médium e materializando o dispositivo da inscrição fonográfica; como em Sérgio Fernandes a prática da pintura com a tela disposta no chão, investida a toda a volta, renunciando a pincéis, trinchas ou espátulas mas distribuindo a tinta diretamente com a mão, conduzindo-a por sucessivas inclinações, gerindo os cúmulos pelo peso da tinta sobre a trama do algodão, os empastelamentos, as bolsas, as rugosidades pela oxidação do óleo e os escorrimentos, produzem uma pintura matérica de grande efeito expressivo na sedimentação das marcas do processo. Em Pedro Tudela (além da usura das bandeiras, as várias peças em metal fundido guardam os vestígios das uniões na cofragem e a cacheira que liga a cana ao propósito é mantida nas seis campânulas de vidro soprado que compõem o gamelão) como em Sérgio Fernandes (nas sucessivas camadas, acumulações e acidentes), a forma parece salvaguardar os modos do fazer.

O sangue vivo ou coagulado na pintura de Sérgio Fernandes e a frieza do metal ou o lustro negro em Pedro Tudela assinalam o fio da navalha entre a vida e a morte, atentando sobre a transitividade, a transitoriedade, a instabilidade da condição precária das coisas à face da terra e a necessidade vital do cuidado e da cura. Donde, Tudela convocar a fisionomia irrepetível de pequenos ramos, pedras cortantes e um cajado (pintado e volvido mastro sem bandeira) encontrados em deambulações na paisagem natural mas associados a rudimentos metálicos e perfurações apropriadas de instrumentos da vida marítima, da náutica ou da construção; enquanto Fernandes discorre sobre a incontinência da matéria, a trasbordante liquidez dos elementos naturais, a potência derivativa das imagens. Como se descobríssemos, subterraneamente, uma lógica arborescente, rizomática ou diluente comum às duas obras que aponta num só gesto a devastação e a fecundidade, o território inabitado e as pulsões animais, a massa e o inefável das modelações metereológicas. Donde, o título desta exposição, Yepsen, acrescido de um s (sugerindo foneticamente "sense", "sentido" ou "sentidos") aludir ao termo no inglês medieval relativo à unidade de medida do volume desenhado pelo espaço côncavo das mãos juntas em forma de concha, o contentor instável e provisório capaz de encerrar um elemento que se esvai inelutavelmente por entre os dedos. Como a impermanência da luz de duas lâmpadas tubulares cruzadas em arranque intermitente cria, em TIALTNGO (as iniciais de There is a light that never goes out, tema dos The Smiths aqui esculpido até ao irreconhecível) a imagem lutuosa e faiscante de um nocturno em tormenta.

A vibração cromática (sob a influência de Mark Rothko) nas telas de Sérgio Fernandes como a composição tonal, a cadência, o ritmo intervalar entre as campânulas de vidro numa waveform em Pedro Tudela (na senda de Paul Klee), sugerem esquemas e cadeias de transmutação próprias de um compêndio de alquimia numa obra ao negro. A alusão constante a sequências de afluência e transubstanciação (as declinações do óleo em texturas ou nebulosas em Fernandes e a metasonoridade em Tudela) recordam que a experiência estética se elabora justamente no movimento de circulação entre os estados da matéria, na variação do momento e na duração. Diante da inelutável finitude da condição terrena de todas as coisas presentes. E talvez que – como sondamos no trabalho dos dois artistas unidos na mesma consciência da fuga – de entre as matérias temporais, apenas ressoem aqueles corpos atravessados pelo frémito imperfeito da poiesis onde os atalhos do pensar, o fazer manual e o sentir no tempo coincidem como o toque exato do tinir do ouro.

Pedro Tudela, nascido em Viseu em 1962, vive e trabalha no Porto. Licenciou-se em Pintura pela ESBAP em 1987, com bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian, e concluiu o Doutoramento em Arte e Design pela Universidade do Porto em 2011. Co-fundador do grupo Missionário, realizou exposições nacionais e internacionais e foi apresentador dos programas de rádio Escolhe um dedo e Atmosfera reduzida. É membro-fundador do coletivo @c e da editora Crónica, com discos lançados a solo e em colaborações. Professor Assistente na Faculdade de Belas-Artes do Porto desde 1999, expõe regularmente em Portugal e no exterior, tendo participado em diversas feiras de arte. Suas obras integram coleções nacionais e internacionais, além de museus.

Sérgio Fernandes (1985), residente em Lisboa, explora o conceito de tempo, situado entre a vida e a morte, em seu trabalho que se concentra no vazio e no desconhecido. Suas pinturas evocam o invisível, transcendendo a imagem, refletindo sobre experiências sem memória. Fernandes afirma: "Minhas pinturas provam que estou vazio e sem ideias, apenas um andarilho." Seu foco principal é o óleo sobre telas de grande escala, complementado por aquarelas, desenhos e esculturas. Participou de residências artísticas no Centro de Arte Oliva (2021-2022) e no PIVÔ (2016), entre outras. Exposições destacadas incluem 'The other side of morning' (2024) e 'Solitude' (2016) na Kubikgallery, e 'Fundo sem Fundo' (2022) no Centro de Arte Oliva, entre outras.

AS MATÉRIAS TEMPORAIS
João Sousa Cardoso

In a time marked by ideological polarization, the intensification of cultural wars and the uninterrupted flow of strong images that animate the current digital economy (and media competition in the art world), in this exhibition we glimpse the horizon of a gravity anchored in the concise forms of a rigorous workshop in the face of the labyrinths of creation, in the slowness of the imperceptible engendering of subjectivities and of a certain benevolence, against the backdrop of a silence that carries the violence of centuries and the silent pain. A kind of landscape indifference – indistinctly archaic and urban – that we can describe as existential, ascetic or bearing a spiritual yearning, but invariably participatory in an enlightened dialogue with technical culture and the history of disciplines.

In this exhibition, the two artists establish a fraternal dialogue that brings together painting, drawing on paper, photography, video and sculptural objects, also calling upon materials such as cast metal, blown glass and sound. The approximation of the two works allows for the mutual illumination of their respective repertoires from renewed and surprising perspectives. The organic or vegetal motifs in Sérgio Fernandes' large-format canvases, for example, recall some of Pedro Tudela's early painting, from the mid-1980s, marked by a vocabulary overloaded with a (not without irony) baroque sensualism; while the sound research in this author (even if expressed in sculptural form, such as the five hollow brass branches that evoke the pentagram of musical notation) elucidates the timbral dimension of the games of chromatic perception (the atmospheres, the textures, the notes of color, the "inner light" that the shine of the oil glazes sometimes offers) in the full range of sensitive reverberations in Sérgio Fernandes' painting.

In both artists we recognize the circumspection of the calculated balance between the structure and the control of form (the presence of geometry, symmetry, the cross, seriality, the grid) on the one hand; coinciding, on the other hand, with the free gesture of hospitality in relation to the unforeseen behavior of the elements, to physical events and to the corruption of materials by the passage of time. These qualities are evident in 'Tempo (2024)', a set of beach safety flags consumed by the sun and wind, aligned by Pedro Tudela in a frieze or in the static energy of the vinyl records that the artist makes us listen to (including the dust, scratches, and contingencies of the support), making the sonority of the medium visible and materializing the device of phonographic inscription; as in Sérgio Fernandes, the practice of painting with the canvas laid out on the floor, invested all around, renouncing brushes, trowels, or spatulas but distributing the paint directly with the hand, guiding it through successive inclinations, managing the cumulus by the weight of the paint on the cotton weave, the impasto, the pockets, the roughness due to the oxidation of the oil, and the drips, producing a material painting with a great expressive effect in the sedimentation of the marks of the process. In Pedro Tudela (in addition to the wear and tear of the flags, the various pieces of cast metal retain traces of the joints in the formwork and the waterfall that connects the cane to the purpose is maintained in the six blown glass bells that make up the gamelan) as in Sérgio Fernandes (in the successive layers, accumulations and accidents), the form seems to safeguard the ways of making.

The fresh or coagulated blood in Sérgio Fernandes' painting and the coldness of the metal or the black shine in Pedro Tudela mark the razor's edge between life and death, drawing attention to the transitivity, the transience, the instability of the precarious condition of things on the face of the earth and the vital need for care and healing. Hence, Tudela summons the unrepeatable physiognomy of small branches, sharp stones and a staff (painted and turned into a flagless mast) found in wanderings in the natural landscape but associated with metal rudiments and perforations appropriate to instruments of maritime life, nautical life or construction; while Fernandes discusses the incontinence of matter, the overflowing liquidity of natural elements, the derivative power of images. As if we were discovering, underground, an arborescent, rhizomatic or diluent logic common to both works that points out in a single gesture the devastation and the fecundity, the uninhabited territory and the animal drives, the mass and the ineffable of meteorological modeling. Hence, the title of this exhibition, Yepsen, added of an s (phonetically suggesting "sense", "sense" or "senses") alluding to the term in medieval English relating to the unit of measurement of volume drawn by the concave space of hands joined together in the shape of a shell, the unstable and temporary container capable of enclosing an element that inevitably disappears between the fingers. Just as the impermanence of the light from two crossed tubular lamps in intermittent start-up creates, in TIALTNGO (the initials of There is a light that never goes out, a song by The Smiths sculpted here to the point of unrecognizability) the mournful and sparkling image of a nocturnal storm.

The chromatic vibration (under the influence of Mark Rothko) in Sérgio Fernandes's paintings, like the tonal composition, the cadence, the intervallic rhythm between the glass bells in a waveform in Pedro Tudela (in the footsteps of Paul Klee), suggest schemes and chains of transmutation typical of an alchemy compendium in a work in black. The constant allusion to sequences of affluence and transubstantiation (the declinations of oil in textures or nebulae in Fernandes and the metasound in Tudela) remind us that the aesthetic experience is elaborated precisely in the movement of circulation between the states of matter, in the variation of moment and duration. In the face of the ineluctable finitude of the earthly condition of all present things. And perhaps – as we probe in the work of the two artists united in the same consciousness of escape – among the temporal materials, only those bodies traversed by the imperfect tremor of poiesis resonate, where the shortcuts of thinking, manual work and feeling in time coincide like the exact touch of the tinkle of gold.

Pedro Tudela, born in Viseu in 1962, lives and works in Porto. He graduated in Painting from ESBAP in 1987 with a scholarship from the Calouste Gulbenkian Foundation and completed a PhD in Art and Design at the University of Porto in 2011. Co-founder of the Missionário group, he has held national and international exhibitions and was the host of the radio programs Escolhe um dedo and Atmosfera reduzida. He is a founding member of the collective @c and the Crónica label, with solo and collaborative music releases. An Assistant Professor at the Faculty of Fine Arts in Porto since 1999, he exhibits regularly in Portugal and abroad, having participated in several art fairs. His works are part of national and international collections, as well as museums.

Lisbon-based Sérgio Fernandes (1985) explores the concept of time, situated between life and death, in his work that focuses on emptiness and the unknown. His paintings evoke the invisible, transcending the image, reflecting on experiences without memory. Fernandes states: "My paintings prove that I am empty and without ideas, just a wanderer." His main focus is oil on large-scale canvases, complemented by watercolors, drawings, and sculptures. He has participated in artistic residencies at Centro de Arte Oliva (2021-2022) and PIVÔ (2016), among others. Notable exhibitions include Dias Bárbaros (2022) and Solitude (2016) at Kubikgallery, and Fundo sem Fundo (2022) at Centro de Arte Oliva, among others.